

2ª EDIÇÃO

REVISTA



CONVIVÊNCIA ESCOLAR E SAÚDE EMOCIONAL: PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Resumo de ação-piloto do projeto
Respeitar é Preciso!



2ª EDIÇÃO

REVISTA



CONVIVÊNCIA ESCOLAR E SAÚDE EMOCIONAL: PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Resumo de ação-piloto do projeto
Respeitar é Preciso!



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Convivência escolar e saúde emocional [livro eletrônico] : perspectivas da educação em direitos humanos : resumo de ação-piloto do projeto Respeitar é Preciso! / Instituto Vladimir Herzog. -- 2. ed. rev. -- São Paulo : Instituto Vladimir Herzog, 2025.
PDF

ISBN 978-65-86248-11-1

1. Ambiente escolar 2. Convívio social 3. Educação
4. Educação em direitos humanos 5. Saúde emocional
I. Instituto Vladimir Herzog.

25-252485

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação em direitos humanos 370.115

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Como citar esta publicação: *Convivência escolar e saúde emocional: Perspectivas da educação em direitos humanos. São Paulo: Respeitar é Preciso!, 2024*

ÍNDICE

5

Acolhimento e saúde emocional
na perspectiva da educação
em direitos humanos

8

Contexto: Uma crise global

10

Como a ação-piloto é desenvolvida

11

O sofrimento no ambiente escolar
do ponto de vista de estudantes

15

O sofrimento no ambiente
escolar do ponto de vista
de professores/as

17

O sofrimento no ambiente escolar
do ponto de vista de
funcionários/as

19

Alguns caminhos
educacionais possíveis

**ACOLHIMENTO E
SAÚDE EMOCIONAL
NA PERSPECTIVA DA
EDUCAÇÃO EM DIREITOS
HUMANOS**

O que cabe à escola em relação à questão do sofrimento, sendo ela uma instituição educativa e não de saúde? Em que e como educadores/as devem atuar? Para buscar maior clareza sobre esse tema delicado, complexo e urgente, o projeto Respeitar é Preciso desenvolve desde 2022 a ação-piloto "*Acolhimento e Saúde Emocional na Perspectiva da Educação em Direitos Humanos*".

Esta publicação traz alguns resultados preliminares da primeira etapa da ação, realizada entre 2022 e 2023. Partimos da compreensão de que o sofrimento não se restringe à dimensão individual, mas que é uma produção social. Se as **causas de sofrimento são coletivas**, o ambiente escolar é um **espaço privilegiado** para seu enfrentamento, sob a perspectiva da educação em direitos humanos.

Ao longo do percurso, ficou evidente certo distanciamento entre as percepções dos diferentes atores da comunidade escolar sobre o sofrimento e suas causas. Por outro lado, todos os grupos parecem ansiar por mais acolhimento. Cabem, portanto, soluções pedagógicas para troca e escuta entre as diferentes perspectivas.

É possível vislumbrar a escola como um tempo e espaço capazes de vincular sujeitos e produzir **per-tencimento** – o que é essencial para que o processo educativo de fato ocorra. Os caminhos para isso são coletivos! Vamos percorrê-los juntos/as?

Saiba mais e acesse o relatório completo:
respeitarepreciso.org.br

TRANSFORMAÇÕES POSSÍVEIS POR MEIO DA EDUCAÇÃO

No processo da ação-piloto, os diversos sujeitos envolvidos passaram da ideia de que o sofrimento é individual e necessita de atendimento psicológico para a compreensão de que há fatores sociopolíticos na raiz da maioria das manifestações de sofrimento na escola. E que a instituição escolar, ao passo que muitas vezes, sem se dar conta, os reproduz, também pode atuar como **instituição educadora promovendo transformações**.

A promoção da saúde emocional na escola assume uma dimensão coletiva, pautada nas relações de convívio e que, embora respeite e valorize as subjetividades de cada pessoa, entende todos os atores da comunidade escolar como inseridos em uma teia de relações sociais, históricas e culturais complexas, a qual exige um olhar e uma disposição para o coletivo.

CONTEXTO: UMA CRISE GLOBAL

As questões emocionais que envolvem a saúde mental têm se configurado como um problema iminente no mundo atual. No dia a dia das escolas, há a percepção de crescimento de casos de depressão, ansiedade, automutilação, ideação suicida e demais transtornos mentais. Isso interpela famílias, educadores/as, profissionais de saúde, governos e sociedade civil acerca de medidas de enfrentamento da questão.



de pessoas no mundo
vivem com algum tipo
de transtorno mental

280 MILHÕES
de pessoas no mundo
sofrem de depressão
=
5%
da população
mundial



foi a taxa de crescimento
de pessoas com
transtornos mentais como
depressão e ansiedade no
1º ano da pandemia, 2020,
em todo o mundo

(OMS, 2022)



2 EM CADA 3 ESTUDANTES que participaram de mapeamento em São Paulo relataram sintomas de depressão e ansiedade



18,1% relataram perder totalmente o sono por conta das preocupações



18,8% disseram se sentir totalmente esgotados e sob pressão



13,6% afirmaram a perda de confiança em si

Mapeamento do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp) 2021, realizado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e Instituto Ayrton Senna, com 642 mil estudantes do 5º e 9º anos do EF e 3º ano do EM

21,5% DE EDUCADORES/AS entrevistados/as consideravam sua saúde mental **"muito ruim"** ou **"ruim"** em 2022

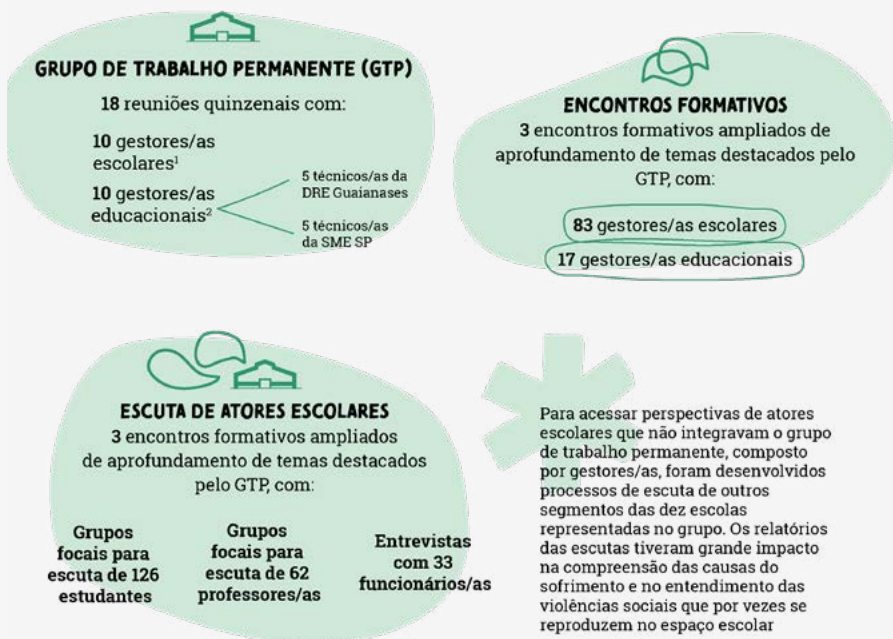


Pesquisa Saúde Mental dos Educadores 2022, realizada pela Nova Escola e Instituto Ame a Sua Mente, com 5 mil profissionais da educação, dos quais 84,6% professores/as e gestores/as da rede pública de ensino

COMO A AÇÃO-PILOTO É DESENVOLVIDA

A ação “Acolhimento e Saúde Emocional na perspectiva da Educação em Direitos Humanos” é desenvolvida como uma pesquisa-ação junto a atores da Rede Municipal de Educação, no âmbito do projeto **Respeitar é Preciso!**, uma parceria entre Instituto Vladimir Herzog e Secretaria Municipal de Educação. Atualmente, está em expansão para toda a rede até 2025. A primeira fase, descrita nesta publicação, aconteceu de 2022 a 2023 na Diretoria Regional de Educação de Guaianases, apresentando conclusões preliminares significativas.

ESTRATÉGIAS 1º FASE (2022-2023)



O SOFRIMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR DO PONTO DE VISTA DE ESTUDANTES

Resultados de escuta realizada pela ação “Acolhimento e Saúde Emocional na Perspectiva da Educação em Direitos Humanos”

TIPO DE ESCUTA: Grupos focais

AMOSTRA: Grupos de 10 a 13 estudantes do ensino fundamental II, totalizando 126 estudantes



No momento da apresentação dos/as estudantes, a cada grupo de escuta, foi solicitado que compartilhassem o que a escola representa para eles/as, em uma palavra. Aqui já há um achado empírico importante: o grande número de “não sei” remete a certa desassociação com o ambiente escolar e, embora haja “legal” e “da hora” com algum destaque, palavras com significado negativo aparecem também em grande número, como “hospício”, “confusão”, “chata”, “inferno”, entre outras.

Estudantes foram incentivados/as a pensar em uma situação do convívio escolar que trouxesse lembranças boas e uma que lhes tenha causado incô-

modo. As experiências positivas, em geral, foram relacionadas aos espaços da quadra, da sala de leitura e a algumas relações do ambiente escolar.

PERCEPÇÃO DE FALTA DE ESCUTA

Uma sensação de falta de escuta foi destacada como negativa por estudantes, que relataram não compreender o encaminhamento de suas demandas em determinadas situações de sofrimento e desrespeito. Dizem que, se acionam mães, muitas vezes são consideradas “barraqueiras” ou “violentas” ao reivindicar direitos.



AFETO E RESPEITO EM RELAÇÃO ÀS “TIAS”

Estudantes demonstraram ter relação de afeto e respeito com funcionários/as da limpeza, a quem chamam de “tios/as”, ao mencionarem de forma espontânea pessoas que merecem ser bem tratadas no ambiente escolar, uma vez que “tem gente que não trata bem”.



VIOLÊNCIAS REPRODUZIDAS NO COTIDIANO

Na atividade com os/as estudantes, a escola apareceu como local que (re)produz violências sociais que causam sofrimento, associadas pelos grupos a casos de ansiedade e depressão. Racismo, sexismo, machismo, LGBTQIA+fobia, classismo são práticas relatadas como cotidianas em falas como:

“Já chamaram ele de macaco”; “Não gosto quando fazem piada ou pegam no meu cabelo”.

“Pra gente [meninas] tem um padrão, para eles [meninos] não”;

“Não podemos andar de mão dada no pátio, mas casais heterossexuais podem”

“A professora disse que todo mundo era vagabundo sem futuro”; “A professora chamou todo mundo de pobre”.

AGENTES DE SEGURANÇA

Um aspecto relativo às percepções de violência por parte dos/as alunos/as é a presença de agentes de segurança nos espaços escolares, ainda que não ocorram ações truculentas. Um estudante, aliás, sentenciou: *“Nossa escola tá cada dia mais parecida com uma prisão”*.

SENTIMENTO DE INADEQUAÇÃO

Os termos “pressão” e “julgamento” foram frequentemente utilizados por estudantes de diferentes escolas. Os relatos explicitam que um cotidiano escolar marcado pela enunciação de juízos constantes produz questionamentos por parte dos/as estudantes acerca de suas capacidades: *“Minha cabeça me fala todo dia que eu sou burro, que não sirvo pra nada”*.



O SOFRIMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR DO PUNTO DE VISTA DE PROFESSORES/AS

Resultados de escuta realizada pela ação “Acolhimento e Saúde Emocional na Perspectiva da Educação em Direitos Humanos”

TIPO DE ESCUTA: Grupos focais

AMOSTRA: Grupos de 6 a 7 professores/as, totalizando 62 professores/as

O objetivo das escutas foi entender como professoras/es percebem a questão do sofrimento emocional na sua atuação profissional e no ambiente escolar. Na percepção destes/as profissionais, as causas e fatores que produzem sofrimento são: a carga de trabalho; os conflitos entre docentes e discentes, entre docentes e famílias e entre famílias e funcionários/as; a falta de apoio psicológico e ausência de protocolo específico na volta do período de isolamento social em decorrência da pandemia de Covid-19.

SENTIMENTOS DE IMPOTÊNCIA E FRUSTRAÇÃO

Chama atenção o quanto o sofrimento de estudantes parece constituir fator de sofrimento também para professores/as. Muitos citaram o sofrimento dos/as estudantes para explicar seu próprio sofrimento e dificuldades. Há professores/as que dizem sofrer por verem alunos/as em situação de vulnerabilidade social ou vitimados/as por descuido da família; que não aprendem o conteúdo ensinado; que se automutilam; que demonstram apatia ou descontrole emocional.

Vários/as docentes entendem que se formaram em uma especialidade e estão na escola para ensinar conteúdos de um determinado componente curricular, por isso sofrem, já que não conseguem desenvolver o que aprenderam no ensino superior: *“Diante das demandas, a gente não dá conta de chegar na aprendizagem, porque é tanta coisa para resolver... [...] Quando vejo os alunos doentes, me sinto impotente. Sinto*

que passo 90% do tempo mediando conflitos externos, e não o conhecimento”.

INVISIBILIDADE

Docentes relataram sensação constante de cansaço, esgotamento e de estar à beira do adoecimento. O afastamento das funções foi comumente citado como decorrência do sofrimento: *“Não há preocupação com o professor como pessoa, o que há é a exigência de que sempre esteja bem, parece que não somos importantes”*.

DESAFIOS NAS RELAÇÕES FAMÍLIA X ESCOLA

As famílias dos/as estudantes aparecem nos discursos dos/as professores/as como outro agente causador de sofrimento, por terem, segundo relatos, comportamentos agressivos com os/as profissionais que atuam na escola. É curioso confrontar essa percepção com a dos/as estudantes, sobre a necessidade que veem em acionar as mães, tidas como “barraqueiras”, para que suas reivindicações sejam escutadas pela escola.

O SOFRIMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR DO PONTO DE VISTA DE **FUNCIONÁRIOS/AS**

Resultados de escuta realizada pela ação “Acolhimento e Saúde Emocional na Perspectiva da Educação em Direitos Humanos”

TIPO DE ESCUTA: Entrevistas individuais

AMOSTRA: 33 funcionários/as das equipes de apoio de 10 escolas

Um ponto de atenção importante da escuta desses atores foi a não percepção do próprio sofrimento no ambiente. A maioria dos/as entrevistados/as teve dificuldade em nomear situações violentas e de sofrimento narradas por eles/as como expressões de violência e causas de sofrimento no ambiente escolar. O discurso esteve, quase sempre, atrelado ao agradecimento por estarem empregados/as, sobretudo em um contexto de poucas oportunidades de emprego formal.

ESTRESSE E SOBRECARGA

Ao longo das conversas, as respostas foram demonstrando que existem questões e conflitos presentes no ambiente escolar. A sobrecarga de trabalho apareceu como um fator de estresse significativo em falas como: *“Deus vai na frente, mas que vai ser B.O., vai. Tenho de ser tudo, porque estou na secretaria, as pessoas passam para desabafar”*; *“Não quero ir trabalhar, está cansativo, desgastante, sinto-me perdida, tenho depressão e faço uso de remédio”*;

RELAÇÕES DESIGUAIS

Diversos/as funcionários/as das equipes de apoio destacaram a falta de suporte pedagógico e formação continuada para o desempenho de suas atividades, assim como enfatizaram o quanto não se sentem acolhidos/as nos espaços ocupados pelo quadro do magistério, como as reuniões de planejamento e avaliação.

VISÃO AMPLA PARA O AMBIENTE ESCOLAR

Ao mesmo tempo em que se recusou a usar o termo sofrimento para conotar as experiências vividas no ambiente da escola, o grupo foi o único que fez um exercício de olhar para além de seus próprios sofrimentos, identificando incômodos e insatisfações de outros atores escolares, em falas como essa: *“Os alunos são carentes. Se mostramos carinho, nos abraçam. Falta diálogo com os funcionários, tentar se reunir para saber o que está acontecendo. Os professores sofrem, pois não conseguem dar aula. [...] Os professores que gostam de trabalhar sofrem mais”*.

ALGUNS CAMINHOS EDUCACIONAIS POSSÍVEIS

A primeira etapa da ação *“Acolhimento e Saúde Emocional na Perspectiva da Educação em Direitos Humanos”* demonstrou que a atuação da escola em relação à produção social do sofrimento de seus/as integrantes, sendo uma instituição social, educativa e de caráter coletivo, precisa ser pautada pelas atitudes de atenção, escuta, acolhimento e cuidado de modo coletivo, institucionalizado e sistemático, para que se tornem parte integrante da vida escolar de todos os atores que compartilham esse espaço.

Se o sofrimento emocional que emerge dos sujeitos possui causas coletivas, seu enfrentamento deve ser feito também no âmbito social e político. Ora, a escola é um lugar privilegiado para isso, sob a perspectiva da educação em direitos humanos! Com a realização da pesquisa-ação, foi possível identificar desafios presentes e algumas hipóteses de caminhos para superá-los.

*** ESCOLA COMO ARQUIPÉLAGO: COMO APROXIMAR OS GRUPOS?**

A partir do exercício de escutas, percebe-se que há um distanciamento entre as percepções de cada segmento escolar sobre o sofrimento e suas causas. Por outro lado, todos os grupos anseiam por mais acolhimento. Cabem, portanto, soluções pedagógicas para maior troca e escuta entre as diferentes perspectivas.

*** PENSAR A ESCOLA COMO ESPAÇO COLETIVO**

As relações de convívio escolar podem ser construídas de modo a reforçar laços de confiança, vínculos e acolhimento, fortalecendo uma cultura de respeito mútuo. Neste sentido, a busca por saídas individuais pode se colocar como obstáculo. Trata-se de um projeto de escola a ser debatido e compartilhado entre todos/as!

*** CORTAR CICLO VICIOSO ENTRE VIOLÊNCIA, SOFRIMENTO E CONFLITO**

Para atuar educacionalmente na questão do sofrimento, é preciso atentar a uma dinâmica evidente na escuta de estudantes e relacionada a violências no ambiente escolar: *“Às vezes sou explosivo pra me defender porque, quando me xingam de viadinho, é como se eu recebesse uma facada no peito”*.

*** ESTUDAR COLETIVAMENTE OS CONFLITOS**

É importante que as questões relacionadas aos conflitos do cotidiano escolar sejam estudadas e debatidas coletivamente de maneira permanente. Numa cultura escolar de mediação de conflitos, sob a perspectiva da EDH, o conflito é visto como possibilidade de aprofundamento sobre as relações do contexto escolar, compreendendo conexões com opressões sociais.

*** APROFUNDAMENTO SOBRE PRODUÇÃO SOCIAL DO SOFRIMENTO**

As escutas de docentes mostram como certa sensação de impotência em relação ao sofrimento de estudantes agrava o sofrimento deste grupo. Seria importante que trabalhos formativos sobre essa questão ampliassem a visão na qual se atribuem somente causas externas ao mal-estar discente. O trabalho pedagógico na escola pode contribuir.

*** PROMOÇÃO DE REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE DISCRIMINAÇÕES**

Nas escutas, marcadores sociais relacionados à raça, gênero e sexualidade são citados como ligados à produção de sofrimento. Para uma ação efetiva, buscando a mudança, é preciso que a escola desenvolva um trabalho educativo. Ou seja, promova reflexão crítica sobre as discriminações, fortalecendo uma cultura de respeito mútuo, equidade e dignidade.

*** ACOLHIMENTO NOS PROCESSOS DE ENSINO**

É possível conjecturar que o comprometimento na promoção de um ambiente escolar sem violências, inclusive nos processos de ensino, pode favorecer a redução do fracasso escolar, que também causa sofrimento a estudantes e a educadores/as.

*** FAZER AÇÕES “COM” A COMUNIDADE ESCOLAR**

No processo da ação piloto, gestores que integraram o grupo de trabalho observaram que suas ações podem não ter o efeito desejado se não encaminhadas em parceria com estudantes, reconhecendo sua autonomia para atuar como sujeitos. Chamaram isso de “fazer com” ao invés de “fazer para” a comunidade.



A experiência de um convívio pautado pelos princípios dos Direitos Humanos propicia a legitimação de valores que, uma vez adotados, passam a orientar o posicionamento diante de problemas como a LGBTfobia, a discriminação étnico-racial, de gênero e em relação às pessoas com deficiência, a violência e o ódio social. Do mesmo modo, o estabelecimento de relações pautadas pelo respeito mútuo contribui para o afastamento da violência na vida dentro e fora das escolas. Essa é a finalidade da educação em direitos humanos.

CADERNO RESPEITO NA ESCOLA
(INSTITUTO VLADIMIR HERZOG, 2020)

**Saiba mais e acesse outros conteúdos:
respeitarepreciso.org.br**

RESPEITAR É PRECISO!

Este é um projeto desenvolvido na Rede Municipal de Ensino de São Paulo pela parceria entre Instituto Vladimir Herzog e Secretaria Municipal de Educação para fortalecer a cultura de educação em direitos humanos na educação básica, buscando contribuir com o enfrentamento a diferentes tipos de violências no convívio escolar. Desenvolve-se por meio de ações formativas com profissionais da educação, a partir de metodologia própria e apoio do material pedagógico Cadernos Respeitar!.

Saiba mais e acesse outros conteúdos:
respeitarepreciso.org.br

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Em consonância com o ao Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), entende-se a educação em direitos humanos (EDH) como uma educação em valores: aquela que se dá de forma transversal, a partir das vivências no ambiente escolar. Trata-se de fazer do convívio e dos processos de ensino e aprendizagem ocasiões para vivenciar os valores que sustentam os princípios dos direitos humanos, como dignidade, justiça, liberdade, igualdade e equidade. Para isso, o respeito mútuo é pressuposto e condição essencial.

